

## Luzes alexandrinas: Alexandre

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

Professor doutor do NCE/UFRJ

Se é verdade que a arte imita a vida, igualmente verdadeiro é o fato de que, por vezes, a vida trata de imitar a arte. Foi precisamente esse o caso de Alexandre o Grande (356-323 a. C.), rei da Macedônia de 336 a 323 a. C., que tomou como modelo para sua vida heroica o personagem Aquiles, protagonista da literatura épica de Homero. Sua fama, tão grande quanto meritória, chega a eclipsar a de todos os outros Alexandres registrados pela História Universal – sejam eles antigos como o filósofo grego Alexandre de Afrodísias (s. I-II d. C.), medievais como o príncipe e santo russo Alexander Nevski (1220-1263), modernos como o czar Alexandre I (1777-1825) ou contemporâneos como o artista norte-americano Alexander Calder (1898-1976). Alexandre o Grande é, enfim, o Alexandre por antonomásia, incomparavelmente maior que todos os outros, tal qual a Alexandria egípcia também o é em relação às outras Alexandrias fundadas por aquele mesmo rei.

William Tarn (1869-1957), o maior de todos os especialistas na vida e na obra de Alexandre, vê nele o representante supremo do fim de uma época e do começo de outra. Efetivamente, o mundo passou a ser outro após a passagem do Helesponto por Alexandre e suas tropas greco-macedônicas em 334 a. C.; começava o helenismo. Uma vez na Ásia Menor, dava início à vingança por quase dois séculos de agressões persas. Em menos de três anos conquistou inteiramente o gigantesco Império Persa, que passava a integrar a órbita helênica. Alexandre levava para o continente asiático as originalíssimas ideias gregas de liberdade e igualdade fraterna entre os homens; por imperfeitas que fossem (como todos os outros povos da Antiguidade, gregos e macedônios viam a escravidão como coisa natural), essas ideias refletiam e ao mesmo tempo estimulavam um modo de vida incomparavelmente mais igualitário, pacífico e tolerante do que aquele que caracterizou o Egito, a Assíria, a Babilônia ou a Pérsia. Alexandre era um *primus inter pares* relativamente aos seus generais; enquanto os povos helênicos lutavam por obediência às suas leis e amor aos seus líderes, os soldados persas iam para a batalha sob o chicote dos seus superiores.

Da Ibéria até a Ásia Central, incluindo a África do Norte e o Egito, não houve povo que não se rendesse ao influxo helenista na sua arte e na sua própria cultura em geral. O que se pode entender por *helenismo*? Na acepção primitiva, a palavra restringia-se ao contexto linguístico: integrar-se ao helenismo significava “falar a língua helênica”, o grego; e isso num mundo em que o grego se havia tornado *língua franca*:

Para ter acesso às mais altas especulações, era necessário entender a língua grega. O uso do grego estende-se por todo o Oriente. (...) Compreender o grego, falá-lo um pouco, era um meio de elevar-se a um civilização superior. (...) Nem mesmo a conquista romana mudará nada nesse sentido. Jamais se falará o latim de um modo habitual no Oriente; nunca se deixará de falar o grego.<sup>1</sup>

Foi em grego que o egípcio Maneto e o babilônio Beroso escreveram a história dos seus respectivos povos; o mesmo vale para os escritos históricos e literários de Artavasdes II, rei da Armênia. No Império Persa, o aramaico (que não penetrou na Grécia e nem na Itália) nunca tornou-se tão importante como o grego viria a tornar-se após a morte de Alexandre.<sup>2</sup>

Na prática, *helenismo* é algo muitíssimo mais amplo que um fenômeno apenas linguístico. Juntamente com a língua grega, e por meio dela, a Hélade expandiu-se geograficamente, impondo-se pelo seu dinamismo em quase todo o mundo antigo. Até a época das grandes conquistas de Alexandre, os gregos pensavam que a Ásia Central era próxima da Europa e do Mar Negro. Confundiam-se, por exemplo, o rio Jaxartes com o curso alto do Don e o Hindukush com os montes do Cáucaso: “Foram os descobrimentos de Alexandre e dos seus sucessores que puseram de manifesto toda a extensão desses territórios, fazendo com que, ao contrário, se considerasse a Europa e a Ásia como regiões completamente separadas pelo norte, vendo então no Mar Cáspio um golfo do Oceano”.<sup>3</sup> A essência do helenismo não foi puramente geográfica e nem linguística; há de ser buscada na sociedade e na cultura, como propõe Arnold Toynbee.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Pierre Grimal. *El helenismo y el auge de Roma. El mundo mediterráneo en la Edad Antigua* (trad. Mercedes Abad et alii), 12ª ed., Madri, Buenos Aires, Bogotá, México, Siglo Veintiuno, 1988, p. 13.

<sup>2</sup> Cf. Arnaldo Momigliano. *Sagesses barbares. Les limites de l'hellénisation*, Paris, Gallimard, 1991, p. 20.

<sup>3</sup> Eduard Meyer. *El historiador y la Historia antigua* (trad. Carlos Silva), México, FCE, 1982, p. 108, p. 243. Nunca se deve esquecer que “Durante a era helenista, havia uma vasta extensão de áreas ocupadas, em maior ou menor densidade, por gregos. Mas no leste e no sudeste essas áreas se desvaneciam, por lhes faltarem fronteiras claramente definidas” (F. M. Walbank. *The Hellenistic World*, Londres, Fontana Press, p. 198). Será que, antes mesmo de cruzar o Helesponto, Alexandre tencionava chegar ao Ganges e aos limites do Oceano, realidades geográficas que eram desconhecidas pelos gregos? A dúvida permanece em nossos dias (ver a esse respeito J. G. Droysen. *Alejandro Magno* [trad. Wenceslao Roces], 2ª ed., México, FCE, 1988, p. 221).

<sup>4</sup> Cf. *Helenismo. História de uma civilização* (trad. Waltensir Dutra), Rio de Janeiro, Zahar, 1969, p. 19. Por outro lado, como diz ainda Toynbee, Alexandre Magno abriu caminho para que o helenismo se impusesse no mundo sírio, no sumério-acádio, no egípcio, no iraniano e no indiano (cf. *Um estudo da*

Não é só o grego que passa a funcionar como *língua franca* nesta Hélade cosmopolita que é o helenismo; a arte, a ciência, a política, os costumes, tudo aquilo que vinha dos gregos torna-se *franco* no período helenista; e é a partir desse denominador comum que se pode falar de certa homogeneidade no mundo helenizado. Surge um substrato que se mantém em meio às muitas diferenças. As semelhanças são maiores e mais profundas na Macedônia, onde a cultura helênica não precisou ser exportada, e foi mantido o aspecto personalizado de cada soberano. No Egito de Ptolomeu, o soberano era um continuador da tradição dos faraós. Na Ásia de Seleuco, vigoravam as tradições dos reis da Babilônia e da Pérsia.

Nunca se tinha visto e nem se viu depois no mundo asiático um fenômeno comparável a este que foi a irradiação da cultura grega. O comércio pôs em contato a Ásia selêucida com a Espanha dividida entre Cartago e Roma, a Cartago de Amílcar, a Macedônia dos Antígonas, Siracusa sob Hierão II, Roma dos Cipiões, a Grécia das Ligas, o Egito ptolomaico, a China dos Han e a Índia dos Mauria. Chegando à Índia em 327 a. C., o exército greco-macedônio deparou com um mundo radicalmente outro em relação ao seu e com uma história bem mais antiga que a sua:

As imponentes formas da natureza, a exuberante vegetação, os animais domesticados e as bestas selvagens, os homens, sua religião e seus costumes, sua organização política e seus métodos de guerra: tudo ali era exótico e surpreendente, todas as maravilhas que Heródoto e Ctésias haviam contado acerca dela pareciam empalidecer diante da realidade. Logo os expedicionários haviam de se dar conta de que até então nada mais tinham feito do que pisar nos umbrais desse mundo novo.<sup>5</sup>

A criação de novas cidades moldadas à maneira grega deve-se fundamentalmente aos selêucidas. Embora sediasse Alexandria, a mais importante de todas as cidades do mundo helenista, o Egito dos Ptolomeus não pode ser comparado à Ásia selêucida quanto ao incentivo dado à construção de novos centros urbanos, bem como ao poder de difusão cultural. Durante quase duzentos anos, a Selêucia foi “o maior campo de atividade criativa que existiu no mundo; e muito tempo depois de extinta, os movimentos gerados durante seu período comparativamente breve de existência continuaram a moldar os destinos da humanidade.”<sup>6</sup> O Egito representava, isto sim, a porção mais rica do império, e também a mais dinâmica sob o aspecto da técnica, um dinamismo que seria superado apenas nos tempos da Roma imperial. Com a fundação

---

*história* [ed. revista e condensada por A. Toynbee e Jane Caplan; trad. Isa Silveira Leal e Miroel Silveira], Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1987, p.145).

<sup>5</sup> J. G. Droysen. *Alejandro Magno*, op. cit., p. 315.

<sup>6</sup> Arnold Toynbee. *Um estudo da história*, op. cit., p. 32.

de Alexandria, a supremacia cultural de Mênfis chegou ao fim.<sup>7</sup> Foi espantosa a unidade obtida, considerando a diversidade dos ambientes envolvidos. O Oriente e o mundo mediterrâneo passaram a compor uma só comunidade comercial, dirigida por Alexandria e a Selêucia. O comércio expandiu-se até a Índia, a China e o interior da África. Mas não houve a fusão de raças planejada por Alexandre. Os helenos eram minoria perante as populações asiáticas.<sup>8</sup> O interesse grego pela abstração, o ímpeto vanguardista, o individualismo, nada disso foi assimilado substancialmente pelos súditos orientais. É mais correto falar-se numa direção contrária dos vetores da influência cultural. O asiático não se helenizou; mas o grego se orientalizou, e isso em muitos níveis: na Babilônia selêucida, a cultura semita manteve-se dominante; a astrologia e a alquimia acabariam por suplantar a física e a astronomia gregas; a monarquia oriental mostrou-se mais sólida que a democracia grega, chegando a influenciar de forma definitiva o mundo ocidental: “os reis gregos e os imperadores romanos tornaram-se deuses à maneira do Oriente, e a teoria asiática dos reis por direito divino passou através de Roma a Constantinopla para a Europa moderna”.<sup>9</sup>

Deve ser lembrado que Zeno, criador do estoicismo, era fenício – daí que a divindade estoica seja semita e não grega; uma divindade “cuja providência envolve toda a vida dos homens, em todos os seus detalhes”.<sup>10</sup> Como não ver na filosofia estoica os mesmos traços de fatalismo que tão profundamente marcam a mentalidade asiática? Na religião, os cultos e deuses babilônicos deuses dominavam. O estoicismo e o cristianismo, ambos representam a vitória cultural da Ásia sobre a Europa helenizada; a própria arte helenista pode ser considerada como um retorno à Ásia:

Os gregos ofereciam ao Oriente a filosofia; o Oriente oferecia à Grécia a religião; a religião venceu porque a filosofia era um luxo ao alcance de poucos, ao passo que a religião constituía um conforto para muitos. Na rítmica alternância histórica de crença e descrença, de misticismo e naturalismo, de religião e ciência, a religião voltara ao poder porque reconhecia o secreto desamparo e isolamento do homem e dava-lhe inspiração e poesia; um mundo desiludido, explorado e farto de guerras,

---

<sup>7</sup> Nessa época – e já bem antes dela – fazia-se valer o que diz Montesquieu acerca das cidades grandes: “Os viajantes buscam sempre as cidades grandes, que são uma espécie de pátria comum a todos os estrangeiros” (*Lettres persanes*, Paris, Garnier-Flammarion, 1964, c. XXIII). Alexandre fundou tantas Alexandrias quantas pôde fundar. Na egípcia, a mais próspera de todas, encontravam-se pessoas das mais diversas nacionalidades, até mesmo indianos e, talvez, chineses (cf. Carl Grimberg. *História da civilização* [trad. Jorge de Macedo], Lisboa, Europa-América, 1966, t. III, p. 203).

<sup>8</sup> Deve ser tido em conta que Alexandre casou-se com uma princesa de Sogdiana e que, seguindo o exemplo, 10.000 oficiais macedônios casaram-se com mulheres iranianas. Entre os planos não realizados de Alexandre havia o de deslocar grandes contingentes de europeus para a Ásia e de asiáticos para a Europa (cf. Eduard Meyer. *El historiador y la Historia antigua*, op. cit., p. 246).

<sup>9</sup> Will Durant. *História da civilização. 2ª parte. Nossa herança clássica. A vida na Grécia* (trad. Gulnara Lobato e Monteiro Lobato), São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1943, t. II, p. 293.

<sup>10</sup> Pierre Ducassé. *Les grandes philosophies*, Paris, P.U.F., 1954, p. 39.

não podia deixar de alegrar-se ante a possibilidade de tornar a crer e esperar. O menos esperado e profundo efeito da conquista de Alexandre foi a orientalização da Europa.<sup>11</sup>

A fragmentação crescente dos reinos nascidos após a morte de Alexandre não impediu que o helenismo sobrevivesse. A bem dizer, não havia somente três monarquias no mundo pós-alexandrino. Escapando dessa divisão ternária, diversas cidades mantiveram, à sua maneira, a estrutura antiga de *ciudades-estado*, com os mais variados graus de autonomia; nasceu um verdadeiro “labirinto de alianças e ligas”.<sup>12</sup> O mundo propriamente helenista, marcado por uma mentalidade realmente nova, assume-se como tal apenas a partir do século III a. C. E não se pode esquecer que ao falarmos em “mundo helenista”, evocamos no mínimo cinco sociedades que, pela primeira vez, passaram a conviver de forma intensa: gregos, macedônios, romanos, celtas e judeus. (Em 279, um grupo de gauleses aproveitou-se da confusão política reinante no Mediterrâneo oriental para invadir a Ásia Menor, nela vindo a se estabelecer. Tornaram-se os *gálatas* de que fala São Paulo.) É justo que se enfatize, como faz Karl Jaspers, uma coincidência cronológica entre o período clássico da Grécia (c. 600 a 300 a. C.), a China de Lao Tsé e Confúcio, a Índia de Buda, o Irã de Zoroastro e a Palestina dos Profetas. Todas essas civilizações assemelhavam-se em diversos pontos; dentre estes, a necessidade de buscar modelos mais convincentes – por isso mesmo amparados por uma visão crítica – para o entendimento do Universo. Apenas uma, porém, foi capaz de olhar para si mesma como olhos críticos; a *autocrítica* é uma invenção grega, tornada helenista pelos alexandrinos e ocidental pelos romanos.

Um dos principais motivos para que o poderio macedônico se impusesse sobre os gregos na segunda metade do século IV a. C. foi a sua falta de coesão política: um traço quase hereditário na Hélade e uma consequência enfatizada pela Guerra do Peloponeso, da qual a Grécia antiga nunca voltou a se erguer. Paradoxalmente, o helenismo – que foi um dos resultados da supremacia da Macedônia sobre a Grécia – trouxe ao mundo grego uma amplitude geográfica máxima, o que favoreceu a

---

<sup>11</sup> Will Durant. *História da civilização. 2ª parte. Nossa herança clássica. A vida na Grécia*, op. cit., t. II, p. 294. Já existia entre os estoicos a ideia cristã de considerar o homem enquanto tal, independentemente da raça ou nacionalidade (cf. Eduard Meyer. *El historiador y la historia antigua*, op. cit., pp. 108 e 109).

<sup>12</sup> Will Durant. *História da civilização. 2ª parte. Nossa herança clássica. A vida na Grécia*, op. cit., t. II, p. 267.

divulgação da mentalidade individualista que deu a tônica a esse período; não admira que a obra mais conhecida de Teofrasto seja aquela em que descreve tipos específicos de caráter.<sup>13</sup> Curiosamente, o filósofo mais estudado nos reinos helenísticos foi Platão, defensor da supremacia da coletividade em detrimento do indivíduo. Era necessário, na era helenista, viver de modo “desculpável aos olhos da filosofia e compatível com a impotência política. Por isso não mais se considerou o problema de construir o Estado justo, mas o de formar o indivíduo disciplinado e satisfeito”.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> A versão plástica dos *caracteres* de Teofrasto, encontramos-as em certas estatuetas do século IV a. C. (cf. N. A. Dmitrijewa et alii. *Allgemeine Geschichte der Kunst: die Kunst der Alten Welt* [trad. Ullrich Kuhirt et alii], Leipzig, Veb E. A. Seemann, 1961, t. I, p. 289).

<sup>14</sup> Will Durant. *História da civilização. 2ª parte. Nossa herança clássica. A vida na Grécia*, op. cit., t. II, p. 375.